

# ARQUEOLOGIA COM A CIDADE: UM MOVIMENTO ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA NO CONTEXTO URBANO DE SÃO PAULO - SP

Piero Alessandro Bohn Tessaro

*Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) - USP*

*São Paulo - SP, Brasil*

*E-mail: pierotessaro@gmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0002-6075-6649>*

## RESUMO

A Arqueologia Urbana na Cidade de São Paulo propiciou o desenvolvimento de um novo conceito, extrapolando os já estabelecidos para essa temática: arqueologia *na*, *da* e *para* a cidade; porém, agregando-os e explorando aspectos que se aproximam da arqueologia pública, sintetizados na ideia de uma arqueologia com a cidade. Seu desenvolvimento, no entanto, se deu primeiramente através de aspectos relacionados a Sociomuseologia, em uma tarefa dentro da perspectiva de uma Ciência Social Nômade e pautada pelo processo de resignificação. Junto a esses agrega-se o fator de se pensar uma cidade, das proporções de São Paulo, considerando-a, em seu todo, um sítio arqueológico e com uma perspectiva de não exclusão social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia Urbana; Cidade de São Paulo; Arqueologia Pública; Resignificação; Arqueologia com a Cidade.

Artigo recebido em: 11/03/2022

Artigo aceito em: 01/04/2022



## ABSTRACT

Urban Archeology in the city of São Paulo provided the development of a new concept, extrapolating those already established for this theme: archeology *in, of* and *for* the city; however, adding them and exploring aspects that are close to public archeology, synthesized in the idea of an archeology with the city. Its development, however, was firstly through aspects related to Sociomuseology, in a task within the perspective of a Nomadic Social Science and guided by the process of resignification. Together with these, there is the factor of thinking about a city of the proportions of São Paulo, considering it as an archeological site and with a perspective of no social exclusion.

**KEYWORDS:** Urban Archeology; São Paulo City; Public Archeology; Resignification; Archeology with the City.

## RESUMEN

La Arqueología Urbana en la Ciudad de São Paulo proporcionó el desarrollo de un nuevo concepto, extrapolando los ya establecidos para este tema: la arqueología *en, de y para* la ciudad; sin embargo, añadiéndolos y explorando aspectos cercanos a la arqueología pública, sintetizados en la idea de una arqueología con la ciudad. Su desarrollo, sin embargo, pasó primero por aspectos relacionados con la Sociomuseología, en una tarea dentro de la perspectiva de una Ciencia Social Nómada y guiada por el proceso de resignificación. Junto a ellos, está el factor de pensar en una ciudad de las proporciones de São Paulo, considerándola, en su conjunto, como un sitio arqueológico y con una perspectiva de no exclusión social.

**PALABRAS CLAVE:** Arqueología Urbana; Ciudad de São Paulo; Arqueología Pública; Resignificación; Arqueología con la Ciudad.



## Introdução

A cerca de dez anos, no desenvolvimento da pesquisa de mestrado, sobre musealização da arqueologia urbana em São Paulo, focando em um sítio arqueológico da região conhecida como “Cracolândia” ou “Boca do Lixo”, deparei-me com a seguinte questão: como proceder com a musealização pautada pela ressignificação, de maneira democrática e não excludente? Levando em consideração que esse contexto arqueológico, Quadra 090, era parte integrante do grande sítio que é a própria cidade. Além disso, era preciso abordar a própria Arqueologia Urbana como objeto de estudo e repensar a mesma enquanto metodologias e teorias.

Ao menos desde os anos de 1970, a Arqueologia Urbana é considerada uma subárea específica da Ciência arqueológica, tendo dois pesquisadores norte-americanos como principais pensadores, Bert Salwen – ligado a New York University e considerado pai da arqueologia urbana (ROTHSCHILD, 1990, p. 104) – e Edward Staski ligado a New Mexico State University. As reflexões empreendidas por ambos influenciaram ativamente o desenvolvimento da arqueologia urbana na cidade de São Paulo.

A Arqueologia Urbana Paulistana, mesmo que sem referência direta a esses pensadores, iniciou-se mais efetivamente no final dos anos de 1970, através das pesquisadoras Marlene Suano e Margarida Andreatta; sendo essa última responsável pela formação da grande maioria dos pesquisadores que posteriormente se dedicaram a Cidade de São Paulo. Dentre eles podemos destacar Paulo Eduardo Zanettini, Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani e Rafael de Abreu e Souza.

Cabe ressaltar, que muito antes desse período, no entanto a arqueologia já ocorria em contextos urbanos, mas dentro de uma perspectiva da Arqueologia Histórica, sendo, portanto, gestada dentro dessa. Como aponta Funari (2005), há uma clareza de que a equação Arqueologia Histórica como Arqueologia Urbana não se aplica à complexidade de formação do espaço urbano. Dentro dessa perspectiva, Zanettini (2004), indica que o arqueólogo urbano estuda inclusive grupos anteriores a própria formação da cidade; sendo exemplos disso, o sítio lítico Morumbi, na cidade de São Paulo, ou mesmo os sítios líticos ao longo do rio Hudson em Nova York (CANTWELL e WALL, 2001).

Considerar a presença de contextos arqueológicos anteriores a cidade requer entender-que dentro da perspectiva de formação desses há o fator urbanização modificador/transformador. Schiffer em sua reflexão sobre o contexto sistêmico e arqueológico, indica a presença de fatores



transformadores: naturais, nos quais a própria natureza altera os contextos de deposição; e os culturais, no qual a utilização do espaço pelos indivíduos gera alterações (SCHIFFER, 1972; SCHIFFER, 1995; SCHIFFER, 2010).

Logo o processo de urbanização agrega todos os contextos arqueológicos ali existentes, mesmo que esse processo tenha se dado variavelmente dentro do território urbano de uma cidade, assim tem-se o entendimento de que lidamos com um único Sítio Arqueológico, enquanto unidade, formado por esses diversos contextos alterados, ou até mesmo produzidos pelo processo de urbanização. “Naturalmente, um importante tópico de pesquisa entre os arqueólogos urbanos é a urbanização, o processo geral relacionado ao surgimento e desenvolvimento das cidades.”<sup>1</sup> (STASKI, 2008, p. 07, tradução própria)

A introdução da ideia de que a o processo de urbanização é de suma importância para se pensar contextos inseridos na malha urbana, leva a definição de duas perspectivas diferentes de observação desses contextos. Primeiramente o de uma **Arqueologia na Cidade** (SALWEN, 1978; STASKI, 1982; STASKI, 2008; STASKI, 1999), no qual o pesquisador observa o contexto por si só, sem relacionar o mesmo com a cidade; sem necessariamente considerar as influências sobre ele. Na sequência, tem-se a **Arqueologia da Cidade** (SALWEN, 1978; STASKI, 1982; STASKI, 2008; STASKI, 1999), que por sua vez, expressa o olhar que considera o contexto da cidade e urbanização como importantes para compreensão do contexto arqueológico.

Posteriormente, já na primeira década do Século XXI, Staski, retoma sua publicação “Living in Cities” (STASKI, 1999), publicando uma releitura e aprofundamento teórico denominado “Living in Cities Today” (STASKI, 2008). Nesse aspecto, o conceito de Arqueologia da Cidade atravessa uma reestruturação, sem a formulação de um novo; com isso o autor adiciona a perspectiva de um devir, ou servir, para a cidade. No contexto brasileiro, principalmente em São Paulo essa reformulação foi entendida como uma **Arqueologia para a Cidade** (SOUZA, 2010; TESSARO, 2014a).

Porém, o arqueólogo é intermediado por outros profissionais na relação que se estabelece com a cidade e com a população urbana. Isso não quer dizer que esses outros profissionais não estejam pensando nas problemáticas sociais inseridas no processo urbano e em como resolvê-las.

Esse aspecto reforçaria a estratigrafia do abandono (BRUNO, 1995), que consiste no esquecimento/abandono do conhecimento produzido arqueologicamente. Característica existente de maneira geral na Arqueologia. Isso é um dos aspectos que levou a pensar a musealização da

---

<sup>1</sup> Of Course, an important topic of research among urban archaeologists is urbanization, the general process related to the emerge and development of cities (STASKI, 2008, p. 07).



arqueologia (BRUNO, 1995; BRUNO, 2005; WICHERS, 2011), pautado pela corrente teórica da Sociomuseologia. E “considerar o museu como ponte entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói em imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque” (CHAGAS, 2005, p. 18).

Levou-se em consideração, conjuntamente, as indicações pós-processualistas: “Em última análise, uma arqueologia totalmente crítica e responsável deve ser capaz de usar a objetividade e a realidade experiencial de seus dados para moldar e transformar a experiência do mundo”<sup>2</sup> (HODDER e HUDSON, 2003, p. 189, tradução própria). Ou, “Há uma relação dialética entre o passado e o presente: o passado é interpretado em termos do presente, mas o passado também pode ser usado para criticar e desafiar o presente”<sup>3</sup> (HODDER e HUDSON, 2003, p. 189 - 190, tradução própria).

Assim foi necessário repensar não só o conceito de arqueologia urbana, como também propor uma nova formulação que fosse mais abrangente, principalmente considerando a sociedade urbana, resultando no conceito de **Arqueologia com a Cidade** (TESSARO e SOUZA, 2011; TESSARO, 2014a; TESSARO, 2014b; TESSARO, 2022). Mas essa perspectiva também trouxe uma problemática, como lidar com uma sociedade de tais proporções? Buscando não ser excludente ou antidemocrático.

### Arqueologia com a cidade

Na perspectiva da arqueologia urbana já existia a ideia de considerar a cidade como um todo. Essa, no entanto, deveria ser refletida dentro do objetivo da musealização da arqueologia, considerando principalmente fatores ligados ao que Bruno (1995) definiu como sendo uma prática de esquecimento, ligada ao acervo e ao conhecimento arqueológico produzido, sintetizados no conceito de estratigrafia do abandono; e em parâmetros teóricos da Ciência Museológica, principalmente a advindos da Sociomuseologia.

---

<sup>2</sup> En último lugar, una arqueología totalmente crítica y responsable ha de ser capaz de usar la objetividad y la realidad de la experiencia de sus datos, con el fin de dar forma y transformar la experiencia del mundo (HODDER e HUDSON, 2003, p. 189)

<sup>3</sup> Existe una relación dialéctica entre el pasado y el presente: se interpreta el pasado en función del presente, pero puede también utilizarse el pasado para criticar y desafiar al presente (HODDER e HUDSON, 2003, p. 189-190).



Um dos principais pontos da Sociomuseologia utilizado, foi a reflexão desenvolvida por Guarnieri (2010), da mediação que deve ser estabelecida ente Homem, Objeto e Cenário. Além disso, foram consideradas outras pesquisas e trabalhos museológicos desenvolvidos na própria cidade de São Paulo, como a “Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole” (MAGNANI, 2004) e “Museu da Cidade de São Paulo: um novo olhar da Sociomuseologia para uma megacidade” (FRANCO, 2009).

Complementando ainda o espaço dedicado a museologia que foi incluído no pensamento em torno da musealização da arqueologia urbana, utilizou-se o conceito de “gozo intelectual”, esse trata do processo de compreensão de algo, que se dá individualmente dentro da experiência/experimentação (WAGENSBERG, 2009). Também influenciou na inserção das ações da pesquisa arqueológica, como parte importante da musealização. Nesse aspecto que a ressignificação tornou-se imprescindível para o desenvolvimento da musealização.

A ressignificação, no entanto, é um processo que se dá em grande parte no âmbito da Arqueologia. Assim, cabe dirimir esse aspecto buscando dentro da Arqueologia as fundamentações teóricas e metodológicas que levaram a formulação do conceito de **Arqueologia com a Cidade**.

No período da segunda metade do Século XX, que a Arqueologia Processualista vem a definir o estreitamento do relacionamento com a(s) sociedade(s), partindo principalmente dos trabalhos de Binford na etnoarqueologia (LYONS e CASEY, 2016). Mais tarde, essa perspectiva é revisada no pós-processualismo, considerado como uma crítica ao positivismo na Arqueologia. É nesse momento que outras metodologias ou subáreas da arqueologia ganham espaço no contexto de pesquisa e nas relações com a(s) sociedade(s).

Já em fins do Século XX, a Arqueologia vem a ter corpo teórico agregado com diferentes teorias sociais, das quais destaco, as ideias decoloniais, cosmopolitismo, simetria dentre outras de vieses pós-coloniais, pós-estruturalistas e pós-modernos. Assim novas agendas foram definidas na Arqueologia como: Arqueologia Decolonial, Arqueologia Cosmopolita, Arqueologia Simétrica, Arqueologia do Presente dentre outras.

Retomando a pergunta anteriormente estabelecida: como lidar com uma sociedade nas proporções de uma cidade? Considerando a perspectiva de não exclusão, ou mesmo democrática e, por fim, a premissa de ponderar a cidade como um sítio arqueológico. Na Sociomuseologia, estamos estabelecendo o processo mediador com a sociedade, essa é galgada ao pós-pesquisa arqueológica; ainda que influencie essa. Assim, é necessário que se pense já na ação da pesquisa arqueológica o envolvimento com a sociedade, que será através da ressignificação.



Poderíamos, com essa ideia, considerar três caminhos teóricos-metodológicos: a Etnoarqueologia, a Arqueologia Colaborativa e a Arqueologia Pública. As duas primeiras são possíveis de serem aplicadas no contexto urbano? Possivelmente sim, mas em uma escala localizada. Ou seja, mesmo que posteriormente viessem a estabelecer relações com o contexto macro urbano, elas teriam foco no contexto micro.

Obviamente, a observação macro é mais agregadora, mas trará perdas, por ser mais generalizante. Talvez um equilíbrio entre elas seja uma resposta mais promissora, mas mesmo para isso será necessário partirmos do terceiro caminho citado, a Arqueologia Pública. Essa consiste em uma metodologia e fundamentos teóricos que começam a se desenvolver nos anos de 1970, tendo como principal argumento a prática de uma arqueologia a serviço da sociedade. Podendo ser aplicada como uma observação externa que gera dados e conhecimentos de interesse público e social.

Destaca-se a diferença de estar a serviço da sociedade e o de estar a serviço de profissionais que posteriormente pensarão na sociedade. Refiro-me aqui a ideia da arqueologia para a cidade, que possui esse intuito de intermediação, para estabelecimento de uma relação com a sociedade. Segundo Matsuda (2010), a Arqueologia Pública se divide em quatro abordagens: Educacional, Relações Públicas, Pluralista e Crítica.

The educational approach aims to facilitate and promote people's learning of the past on the basis of archaeological thinking and methods; the importance of protecting and conserving archaeological remains can also be a subject of learning in this approach. The public relations approach aims to increase the recognition, popularity, and support of archaeology in contemporary society by establishing a close relationship between archaeology and various individuals and social groups. The pluralist approach aims to understand the diversity of interactions between material remains and different members of the public; it treats archaeology as one way of making sense of the past and considers how it can meaningfully engage with various other ways of interacting with the past. Finally, the critical approach engages with the politics of the past (Gathercole & Lowenthal, 1990), typically by seeking to unsettle the interpretation of the past by socially dominant groups, in particular ethnocentric and elitist groups, or to help socially subjugated groups achieve due socio-political recognition by promoting their views of the past.<sup>4</sup> (MATSUDA, 2010, p. 42 - 43)

---

<sup>4</sup>A abordagem educativa visa facilitar e promover a aprendizagem das pessoas sobre o passado com base no pensamento e métodos arqueológicos; a importância de proteger e conservar vestígios arqueológicos também pode ser um assunto de aprendizagem nesta abordagem. A abordagem de relações públicas visa aumentar o reconhecimento, popularidade e apoio da arqueologia na sociedade contemporânea, estabelecendo uma relação estreita entre a arqueologia e vários indivíduos e grupos sociais. A abordagem pluralista visa compreender a diversidade de interações entre restos materiais e diferentes membros do público; trata a arqueologia como uma forma de dar sentido ao passado e considera como ela pode se engajar significativamente com várias outras maneiras de interagir com o passado. Finalmente, a abordagem crítica se engaja com a política do passado (Gathercole & Lowenthal, 1990), tipicamente procurando desestabilizar a interpretação do passado por grupos socialmente dominantes, em particular grupos etnocêntricos e elitistas, ou para ajudar grupos socialmente subjugados a alcançar seus objetivos. reconhecimento sociopolítico promovendo seus pontos de vista sobre o passado (MATSUDA, 2010, p. 42 - 43, tradução própria).





Independente da abordagem, o que se percebe nessa definição é o quão político pode ser a produção do conhecimento arqueológico; pois esse processo de interação deve estar ciente de “como a proposição de um diálogo sobre os dados que estão sendo produzidos e em que medida estas informações vão interferir, refletir na vida das pessoas” (CARNEIRO, 2009, p. 9).

No entanto, pensando nos fundamentos da Arqueologia Urbana, ao que parece a abordagem crítica é a que mais se aproxima qualitativamente de uma produção de conhecimento que pode vir a interferir e refletir na vida das pessoas. Não intento aqui excluir as demais. Assim como não quero encerrar a discussão em torno da Etnoarqueologia e da Arqueologia Colaborativa. A própria Educação Patrimonial também permeia de muitas maneiras a aplicação dessas formas de estudo arqueológico e não apenas do pensamento Museológico.

Fechando essa defesa pela escolha da abordagem crítica, dentro da Arqueologia Pública; entendo que na ideia de também pensarmos o contexto arqueológico no presente, no processo de ressignificação, os aspectos sociopolítico e sócio-urbano presentes tornam-se parte integrante do processo de ressignificação. Em outro texto, “A Garrafa que Deixou de Ser” (TESSARO, 2014b), é abordado de maneira mais profunda o processo de ressignificação.

Sintetizo o mesmo, no entanto, em duas questões correlacionadas. Uma especificamente na arqueologia e, principalmente, na questão do contexto sistêmico e contexto arqueológico (SCHIFFER, 1972; SCHIFFER, 1995; SCHIFFER, 2010). No processo proposto por Schiffer, passamos do contexto sistêmico para o contexto arqueológico, através do processo de abandono/descarte de objetos sem vida, ou que perderam sua funcionalidade.

Porém, com a ressignificação, estamos atribuindo novas funções, dando nova vida aos objetos arqueológicos; se estamos fazendo isso, recolocamo-los no contexto sistêmico, através da compreensão e da produção do conhecimento. Note-se que isso não se dá apenas na Arqueologia Urbana e, sim na Ciência Arqueológica em geral. O ponto principal onde a musealização da arqueologia e outras formas de socialização do conhecimento são imprescindíveis. Pois caso não haja esse processo, o conhecimento irá apenas parar em uma reserva técnica e novamente ser abandonado, ou seja, praticamente realocado em um novo contexto arqueológico.

Por conseguinte, a segunda questão, refere-se especificamente ao processo de ressignificação. E aqui não me limito a buscar respostas na Arqueologia ou mesmo na Museologia. Mas considero outras Ciências, me direcionando, por exemplo, para a psicanálise:

No mundo em que vivemos conseguimos fazer falar tantas coisas! Como conseguimos?





Justamente graças ao mecanismo [...] pelas perguntas que fazemos a elas. Claro que esquecemos que somos nós quem as fazemos. Todas as coisas falam, e estamos inclusive vendo, faz algum tempo, um pequeno frêmito lá no fundo dos átomos, essas curiosas coisas cujos os nomes se multiplicam: nêutrons, mesóns etc. Tudo isso sonha em responder às nossas perguntas, loucamente até! (LACAN, 2008, p. 59)

Claramente poderia buscar essa ideia na Arqueologia ou mesmo na Museologia, mas por também estar abraçando a ideia de uma Ciência Social Nômade<sup>5</sup> (GARCÍA CANCLINI, 2011), algumas questões podem muito bem ser respondidas por outras Ciências, onde muitas vezes as abordagens arqueológicas ou museológicas se baseiam.

Mas o que quero mostrar com isso, é que o acervo e o contexto arqueológico vão responder as perguntas do(s) pesquisador(es). Considerando que esses vivam no presente, o que lhe(s) dará base para formular as perguntas são suas próprias vivências e experiências. Aqui que a observação da situação sociopolítica e social urbana vem a agregar-se para o processo de formulação de perguntas. Ou seria, o passado retornando disfarçado, ou ressignificado:

O morto assombra o vivo; ele re-morde (mordida secreta e repetida). Assim, a história seria “canibal”, e a memória tornar-se-ia o recinto fechado em que se opõem duas operações contrárias: por um lado, o esquecimento, que não é uma passividade nem uma perda, mas uma ação contra o passado; e, por outro, o vestígio mnésico, que é o retorno do esquecido, ou seja, uma ação desse passado, daqui em diante forçado ao disfarce. (DE CERTEAU, 2011, p. 71 - 72)

Assim, uma Arqueologia Urbana, que esteja preocupada com a atualidade da cidade, estará ressignificando – disfarçando – o passado com o intuito de pensar criticamente os problemas urbanos atuais. Esse processo não se dá sem intenção, ele é agregado de finalidade, de almejar mudanças. E, portanto, será uma **Arqueologia** sendo feita junto **com a Cidade**. Aproximando o arqueólogo da sociedade urbana, sem necessariamente ser intermediado por outros profissionais.

### Da Higiene Individual a Higiene Social da Paulicéia

Uma primeira experiência de aplicação do conceito de Arqueologia com a Cidade se deu no desenvolvimento da pesquisa de mestrado, efetuada sobre o contexto da Quadra 090, localizada

---

<sup>5</sup> Esse conceito advém da reflexão de “Culturas Híbridas”, de Nestor García Canclini (2011), fundamentada em aspectos da pós-modernidade; para o autor a solução para a compartimentação das Ciências Sociais, seria o talento em transitar entre elas, sinteticamente poder-se-ia usar: interdisciplinaridade. Essa seria uma ferramenta mais adequada considerando a pós-modernidade com “Culturas Híbridas”.



no centro da Cidade de São Paulo – sendo delimitada pela Rua dos Andradas, Rua Aurora, Rua General Couto Magalhães e Rua dos Timbiras, região da Luz; e conhecida como epicentro da “Cracolândia”, ou também como a “Boca do Lixo”. Nesse contexto, devido a ser uma quadra inteira, diferentes ocupações foram identificadas, desde área produtiva/fábrica como residenciais. Apenas uma ocupação, resquícios de um contexto rural, obteve uma datação relativa pretérita as demais, que se situaram-se cronologicamente no final do Século XIX e início do XX.

Aqui vamos nos deter as lixeiras encontradas no local, sendo que duas delas eram construídas em alvenaria especificamente para esse fim – pouco comuns em contextos históricos brasileiros – além de um poço reutilizado como lixeira e alguns bolsões. Em um primeiro olhar, os materiais encontrados seriam facilmente relacionados a grupos sociais mais abastados economicamente. Algo que suscitou uma pergunta, pela arqueóloga e museóloga Camila Azevedo de Moraes Wichers: “como trabalhar com um acervo que nitidamente não conversaria com o local?”; para além disso, também existia a fala do arqueólogo Paulo Eduardo Zanettini: “Cracolândia é um termo pejorativo pelo qual o local é conhecido, os moradores locais não o gostam”.

Além disso, a região da cidade estava para conhecer um projeto de revitalização, do qual a Quadra 090 fazia parte. O Projeto Nova Luz, previa a demolição de 30% da área conhecida como Cracolândia (SPINELLI e GERAQUE, 2010). Esse processo iria gerar impacto direto em moradores, comerciantes, também nos usuários de drogas. Isso tudo no centro da cidade, que de certa maneira também é um local que influencia na vida de outras pessoas.

Além do projeto de revitalização, foi também implementado o Plano de Ação Integrada “Centro Legal”, que mais tratou-se de uma intervenção policial buscando varrer os usuários de drogas do local (PRADO e DAUDÉN, 2012). Essas ações governamentais geraram reações diversas, dentre elas destaque: “Cidade Submersa” do Grupo Teatro da Vertigem, o “Projeto Baixo Centro” e o “Churrasco da Gente Diferenciada Cracolândia”. Quase todas as intervenções com cunho cultural buscavam discutir as políticas e ações governamentais para essa região da cidade.

Retornando para o contexto arqueológico, especificamente as lixeiras, que falam sobre práticas de higiene. Seja por suas existências, ou mesmo por objetos que foram encontrados em seus interiores.

Uma das primeiras menções acerca da relação estabelecida entre indivíduos e lixo no território paulistano é citada por Afonso Taunay:

A 14 de Março de 1589 legislava ela: "Por estar a Vila em perigo de imundices que era perigo do povo", a ordenar que se limpassem dez braçadas de redor dos muros. Devia cada morador executar tal serviço em seus terrenos, sob pena de um tostão de multa e o



sequestro dos chãos. (TAUNAY, 2003, p. 127)

Nesse trecho, resgatado dos autos das autoridades do período, Taunay possibilita vislumbrarmos as relações que se estabelecem com aquilo que não se quer mais, a ação de descarte é carregada do aspecto cultural de afastamento. Para o Século seguinte, é destacado por Bruno (1984), com base nas atas da Câmara (1623, 1635, 1637, 1640 e 1642), que o governo municipal determina aos moradores da vila a limpeza das ruas dos cardos e espinhos que havia em abundância. Pode-se dizer, nesse aspecto, que estava ocorrendo, numa concepção de urbano, a necessidade de assepsia em relação à natureza.

Ora, naquele momento, pela noção que se tinha de limpeza vinculada ao espaço público, bastava tirar do campo de visão as sujidades que incomodavam o olhar. Limitada a ocasiões extraordinárias, a preocupação com a limpeza pública não era ainda um sistema técnico. (MIZIARA, 2008, p. 3)

Essa intervenção surtia efeito sobre a população, mas a responsabilidade sobre o ato da limpeza acabava repousando sobre negros e detentos (BRUNO, 1984; MIZIARA, 2008; DIAS, 1994); "Quem realizava esse trabalho de recolhimento das sujeiras eram os considerados **excluídos da sociedade**" (MIZIARA, 2008, p. 3, grifo nosso), ou seja, havia um aspecto moral de exclusão.

O século XIX, onde temporalmente se localizam as estruturas de lixeira da Quadra 090, é fortemente marcado pelo combate às imundices e advento das teses higienistas. "Essa proximidade das pessoas com o lixo era, até meados do século XIX, percebida e vivida como algo, se não natural, pelo menos pouco problemático" (MIZIARA, 2008, p. 4). O que era pouco problemático passa a ser muito problemático, ao menos desde o advento das teses higienistas; na arqueologia que trata desse período, a bibliografia é vasta: Symanski (1998), Tocchetto (2010), Souza (2010).

Aqui que se encontram os dados históricos com os arqueológicos, pois as lixeiras encontradas na Quadra 090 e em outros contextos de unidades domésticas do século XIX da cidade são vestígios dessa ação de criar e manter locais destinados ao lixo nos quintais das casas. Mais tarde, o abandono dessa prática em relação a um sistema municipal de recolhimento do lixo pode servir como parâmetro de análise sobre o alastramento urbano sob a ordenação do poder público.

As louças encontradas nas lixeiras da Quadra 090 representam uma mudança em relação aos cuidados com os alimentos, assunto que passou a ser abordado com acuidade no século XIX. Antes do advento das louças em faiança fina, ironstone e porcelana, o contexto paulistano era



marcado principalmente pela presença das cerâmicas de produção local/regional (ZANETTINI, 2005).

A segunda questão material relaciona-se aos vestígios de farmácia e botica que demonstram preocupação que se passou a ter com os cuidados de si. Cuidado que está relacionado não apenas ao medicamento necessário em caso de doença, mas também com o perfume, o sabonete e as escovas de dentes utilizadas para limpeza pessoal e controle de odores, uma vez que odores ruins eram vistos como indicadores de moléstias. “A ansiedade que escorre do cimo da pirâmide social reanima a intolerância para com o fedor. É o olfato que cabe a destruição da confusão do pútrido e a detenção do miasma, a fim de exorcizar a ameaça nauseabunda” (CORBIN, 1987, p. 297).

Aqui chegamos a um ponto do desenvolvimento sobre a questão das relações dos indivíduos com o lixo, que pode ser sintetizada por um aspecto da psique humana. Uma vez que por traz de todas essas ações, por mais válidas que elas sejam, frente à saúde humana, elas se relacionam a um aspecto de assepsia que surge da relação estabelecida entre indivíduo e sociedade:

Também no esforço da cultura por limpeza, que encontra uma justificação posterior nas considerações higiênicas, mas que já se havia exteriorizado antes que estas fossem compreendidas, há um inconfundível fator social. O estímulo para a limpeza nasce do ímpeto de remover os excrementos, que se tornaram desagradáveis para os sentidos. Sabemos que as coisas são diferentes no quarto das crianças. Os excrementos não despertam nelas nenhuma repulsa, mas lhe parecem valiosos como parte que se desprende de seus corpos. Quanto a este ponto, a educação insiste de maneira especialmente enérgica na aceleração do desenvolvimento iminente que deve tornar os excrementos sem valor, asquerosos, repulsivos e detestáveis. Tal reviravolta de valores dificilmente seria possível se essa matéria subtraída ao corpo não fosse condenada pelos seus odores intensos a partilhar do destino reservado aos estímulos olfativos depois que o homem se ergueu do solo. (FREUD, 2010, p. 104 - 105)

Fica evidente o papel do odor e do olfato nas atribuições higiênicas individuais, mas que extrapolam o indivíduo e torna-se um aspecto social, um aspecto do que é socialmente aceitável. Mas o desenvolvimento das ações humanas em relação ao lixo e à higiene não param o seu desenvolvimento no reconhecimento da importância do odor; e não é pela falta do reconhecimento da questão olfativa nas indicações anteriores que ele não estava presente. Na verdade, em certo momento, excede-se o papel preponderante do sentido olfativo e o sentido visual adquire também grande importância. A prática do afastar de si, já apontada, passa a correlacionar-se com todos os sentidos no momento que são gerados o sentimento de asqueroso, repulsivo e detestável.

Voltemos ao desenvolvimento das relações dos indivíduos com o lixo: “Em 1893, através do Ato nº 2, de 6 de maio, foi feito o primeiro contrato protocolado, já com uma empresa particular em



São Paulo, para os serviços de coleta domiciliar e de varrição, lavagem de ruas, limpeza de bueiros e bocas-de-lobo, incineração do lixo e limpeza de mercados” (MIZIARA, 2008, p. 06). É nesse ponto que a municipalidade assume totalmente a responsabilidade sobre o lixo, retirando-a de quem o produz. O século XIX foi marcado por um equilíbrio dessa responsabilidade entre municipalidade e produtor de resíduos. Essa também é uma característica que determina o que é uma área urbanizada dentro de preceitos modernos.

Sem essa responsabilidade, o indivíduo não necessita mais ter preocupação com o destino do lixo que produz, pois quando esse é colocado na rua para ser coletado, ele já foi afastado dos sentidos sensoriais do corpo. Além de não ser mais o responsável, o indivíduo está agindo da maneira adequada segundo a sociedade, além de pagar seu imposto para ter esse serviço. Ironia é que o próprio Estado Moderno criou os "indivíduos politicamente correto".

E voltamos à Quadra 090, mas agora em um aspecto do presente: a forma como a região é conhecida pelos nomes de "Cracolândia" e "Boca do Lixo". Esses nomes foram atribuídos a essa região do centro da cidade devido, principalmente, à presença dos "nóias". Quem são esses usuários na lógica social do Estado Moderno? São os homens que não são politicamente corretos e, portanto, merecem ser excluídos da sociedade, pois infringiram o ordenamento social e do corpo. Trata-se de dois aspectos de higiene nesse ponto, o primeiro relacionado ao corpo que se encontra fora da ordem; e o segundo à higiene social, ou assepsia que a sociedade produz, colocando em papel de exclusão aqueles que fogem ao ordenamento.

[...] lixo humano, ou, para ser mais preciso, "pessoas rejeitadas" - pessoas não mais necessárias ao perfeito funcionamento do ciclo econômico e, portanto, de acomodação impossível numa estrutura social compatível com a economia capitalista.

O "lixo humano" tem sido despejado desde o início em todos os lugares nos quais essa economia foi praticada. (BAUMAN, 2005, p. 47)

E assim como o lixo colocado na rua, fora das residências, no qual o produtor do mesmo não possui mais responsabilidade, a sociedade também não se sente responsável pelos que foram excluídos do ordenamento, despejando-os em espaços como a "Cracolândia".



## Considerações Finais

Apesar de defender a ideia de relacionamento com a sociedade, o exemplo dado, baseado na pesquisa de mestrado, serviu enquanto reflexão teórica e metodológica. Não foi possível exceder os muros da academia com ele até o momento. Acredito que essa seja uma dificuldade que muitos pesquisadores encontram.

No entanto, enquanto caminhos de pesquisa, a Arqueologia com a Cidade, foi colocada em prática, ao menos em sua fase antecessora ao relacionamento com a sociedade. Sendo fundamentada em postulados teóricos-metodológicos da Arqueologia e da Museologia. Também uma formulação que se propôs desde o início, a ser executada como uma Ciência Social Nômade. Demonstrando a necessidade de sermos cada vez mais nômades ou com uma preocupação mais socialmente engajada e democrática; até mesmo cosmopolita.

A pesquisa anteriormente iniciada dá prosseguimento na pesquisa de doutorado intitulada “Musealização da Arqueologia com a Cidade de São Paulo”. Tendo como um dos focos de ressignificação, no conceito de arqueologia com a cidade, o contexto do sítio Morumbi, uma oficina lítica em meio a “selva urbana”. Novos desafios são impostos, para um caminho já em partes delineado.

Exercer uma arqueologia mais humana e democrática, não nos moldes de uma etnoarqueologia ou de uma arqueologia pública/participativa - em uma cidade grande seríamos seletivos, priorizando um grupo em detrimento de outro; mas incitando discussões sobre o presente da Cidade, com base na ressignificação do seu passado. Em suma, uma **Arqueologia com a Cidade**.

## Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRUNO, Ernani S. **História e Tradições da Cidade de São Paulo: metrópole do café (1872 - 1918)**. São Paulo: Hucitec, v. III, 1984.

BRUNO, Maria C. O. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo. 1995.



BRUNO, Maria C. O. Arqueologia e Antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. **Revista do Patrimônio**, n. 31, p. 235-247, 2005.

CANTWELL, Anne-Marie; WALL, Diana D. **Unearthing Gotham: the archeology of New York City**. New Haven: Yale University Press, 2001.

CARNEIRO, Carla G. **Ações Educacionais no Contexto da Arqueologia Preventiva: uma proposta para a amazônia**. Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. São Paulo. 2009.

CHAGAS, Mario. Museus Antropofagia da Memória e do Patrimônio. **Revista do Patrimônio**, n. 31, p. 15-25, 2005.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos Séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DE CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise: entre Ciência e Ficção**. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

DIAS, Maria O. L. S. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FRANCO, Maria Inês M. **Museu da Cidade de São Paulo: um novo olhar da Sociomuseologia para uma megacidade**. Tese de Doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2009.

FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FUNARI, Pedro P. A. Comparative Method in Archaeology and the study of Spanish Portuguese South American material culture. In: FUNARI, Pedro P. A.; ZARANKIN, Andrés; STOVEL, Emily **Global Archaeological Theory**. Boston: Springer, 2005. p. 97-106.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2011.

GUARNIEIRI, Waldisa R. C. Museologia e Identidade. In: BRUNO, Maria Cristina O. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, v. I, 2010.

HODDER, Ian; HUDSON, Scott. **Interpretación en Arqueología**. Barcelona: Crítica, 2003.

LACAN, Jacques. **O Mito Individual do Neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.





LYONS, Diane; CASEY, Joanna. It's a Material World: the critical and on-going value of ethnoarchaeology in understanding variation, change and materiality. **World Archaeology**, v. 48, n. 5, p. 609-627, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00438243.2016.1214619>.

MAGNANI, José G. C. (. ). [ A. ]. **Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Instituto Florestan Fernandes, 2004.

MATSUDA, Akira. A consideration of public archaeology theories. **Public Archaeology**, London, v. 15, n. 1, p. 40-49, 2010.

MIZIARA, Rosana. Por uma História do Lixo. **INTERFACEHS - Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, São Paulo, v. III, n. 1, p. 1 - 17, Jan/Abr 2008. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-6-2008-6.pdf>.

PRADO, Antonio C.; DAUDÉN, Laura. Governo e prefeitura de SP usam “dor e sofrimento” para acabar com cracolândia. **Istoé**, São Paulo, 06 Janeiro 2012. Disponível em: [https://istoe.com.br/185671\\_A+TERAPIA+DE+CHOQUE+DO+MEDICO+GERALDO+ALCKMIN+N A+CRACOLANDIA+DE+SAO+PAULO/](https://istoe.com.br/185671_A+TERAPIA+DE+CHOQUE+DO+MEDICO+GERALDO+ALCKMIN+N A+CRACOLANDIA+DE+SAO+PAULO/). Acesso em: 08 Março 2022.

ROTHSCHILD, Nan A. Memorial: Bert Salwen, 1920 - 1988. **Historical Archaeology**, v. 24, n. 1, p. 104 - 109, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25615763>.

SALWEN, Bert. Archeology in Megalopolis: Updated Assessment. **Journal of Field Archaeology**, 5, n. 4, 1978. 453-459.

SCHIFFER, Michael B. Archeological Context and Systemic Context. **American Antiquity**, v. 37, n. 2, p. 156-165, 1972.

SCHIFFER, Michael B. **Behavioral Archaeology: first principles**. Foundations of Archaeological Inquiry. Salt Lake City: University of Utah Press, 1995.

SCHIFFER, Michael B. **Behavioral Archaeology: principles and practice**. London: Equinox Publishing, 2010.

SOUZA, Rafael D. A. **Louça Branca para a Paulicéia: Arqueologia Histórica da Fábrica de Louças Santa Catarina / IRFM - São Paulo e a produção da Faiança Fina Nacional (1913 - 1937)**. Dissertação de Mestrado - Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. São Paulo. 2010.

SPINELLI, Evandro; GERAQUE, Eduardo. Projeto Prevê Demolir 30% da Cracolândia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Cotidiano, 18 Dezembro 2010. C1 e C4. Disponível em:



<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=18377&keyword=cotidiano&anchor=5514677&origem=busca&originURL=&pd=cef240e18ca515cb4d0628cc13517e3f>. Acesso em: 08 Março 2022.

STASKI, Edward. Advances in Urban Archaeology. **Advances in Archaeological Method and Theory**, v. 5, p. 97-149, 1982.

STASKI, Edward. Living in Cities: an introduction. **Historical Archaeology**, v. Special Publication, n. 5, p. 9-11, 1999.

STASKI, Edward. Living in Cities Today. **Historical Archaeology**, v. 42, n. 1, p. 5-10, 2008.

SYMANSKI, Luís C. P. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

TAUNAY, Afonso. **São Paulo nos Primeiros Anos: ensaio e reconstituição social (1554 - 1661)**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

TESSARO, Piero A. B. **Pedaços de uma Paulicéia Espalhados pela Urbe: musealizando uma Arqueologia com a Cidade**. Dissertação de Mestrado - Museu de Arqueologia e Etnologia - USP. São Paulo. 2014a.

TESSARO, Piero A. B. A Garrafa que Deixou de Ser: Arqueologia com a Cidade e Musealização. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 2, p. 201-2016, 2014b. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/389>.

TESSARO, Piero A. B. Archaeology with the City. **CHAKIÑAN, Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, Riobamba, n. 17, 01 Agosto 2022. ISSN 2550-6722. No prelo.

TESSARO, Piero A. B.; SOUZA, Rafael D. A. **Arqueologia com a Cidade de São Paulo**. Encontro de Arqueologia, Patrimônio e Turismo. Rio Claro: [s.n.]. 2011.

TOCCHETTO, Fernanda B. **Fica dentro ou joga fora?** São Leopoldo: Oikos, 2010.

WAGENSBERG, Jorge. **O Gozo Intelectual**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

WICHERS, Camila M. **Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira**. Tese de Doutorado - Departamento de Museologia - ULHT. Lisboa. 2011.

ZANETTINI, Paulo E. O Arqueólogo na Cidade. In: MAGNANI, José G. C. **Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Instituto Florestan Fernandes, 2004. p. 151-154.



ZANETTINI, Paulo E. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico da Casa Bandeirista**. Tese de Doutorado (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP). São Paulo. 2005.